

O ESPELHO POSITIVO

Éden Silva Pereti ¹

Resumo Abstract

Estas poucas linhas que se seguem são fruto de um livre exercício. A liberdade do exercício da palavra. O exercício da liberdade no diálogo entre elementos científicos e uma escrita literária. Um livre exercício de imaginação, onde o impossível se oferece como possibilidade. E é justamente este contexto que oferece a oportunidade para que o cientista Auguste Comte, um dos principais progenitores da perspectiva positivista de ciência, se depare com sua imagem nua, branca e desvelada, sob os esquadros de um espelho. Ao manter-se distante de uma vigilância histórica e cronológica, o texto a seguir visa somente atrever-se nos meandros de alguns elementos que atravessam a

The few lines that follow are the final result from a free exercise, the freedom of the word speech, a free supposed dialog between the science and literature. An imagination exercise, the impossible offers itself as a possibility. Just this context create an opportunity to the scientist Auguste Comte, one of the main progenitors of the positivist perspective science; face himself with his naked self, white and unveiled, inside the borders of a mirror. When keeping the distance from a historical and chronological vigilance, the text presented aims only at daring inside some elements that crosses the empiric-analytic perspective of a scientific investigation, building that way a

¹

perspectiva empírico-analítica de investigação científica, construindo assim uma situação fictícia e inusitada. E é por isso que cabe aqui o pedido para que nos dispamos de preconceitos e ressalvas, pois é na nudez da pele e do espírito, seja ele positivo ou não, que se encontra tatuada a beleza do conhecimento, seja científico ou poético. Palavras chave: Corpo, literatura, ciência, Auguste Comte, perspectiva empírico-analítica.

fictional and unusual situation. Just because of that, it fits here the suggestion to we get rid of precepts and previous resaves, because it is in the nudeness of the skin and spirit, be it positive or not, that you can find tattooed the beauty of knowledge, be it scientific or poetic.

Key words: Body, literature, science, Auguste Comte, empiric-analytic perspective.

Gotas ainda escorriam pela sua pele quando se deparou com o espelho. Um momento de suspensão se fez no exato instante em que seus olhos cruzaram com seus inversos iguais projetados nas profundezas de um mundo esquadrihado, interrompendo assim seu cotidiano itinerário entre o banheiro e o quarto.

Auguste Comte cessou sua caminhada e deteve-se diante de sua própria imagem. O anverso do mundo escorria pelas paredes à sua frente, confidenciando-lhe suas próprias formas, volumes, sombras, pêlos e marcas. Seu semelhante contrário sublinhava a palidez de sua pele em contraste com a úmida e amarela toalha que jazia dependurada em sua mão.

Nu, branco e ausente. Foi assim que se postou ante a impalpável verdade que se impunha

a seus olhos. Hipnotizado, acompanhou uma suicida gota que havia brotado no alto de sua sobrancelha em busca do chão. Seu destino era a morte longínqua e seu caminho a eternidade de um corpo. Delicadamente buscava seu próprio fim em cada milímetro que descia. Subvertendo as mais básicas leis da física, transformava o espaço em tempo; seus passos, em súplicas à eminente morte. Em cada pêlo, mamilo ou cicatriz que conseguia vencer, deixava ou esquecia um pouco de si.

Incompetente até mesmo para morrer, ela assim se desfez na altura do umbigo. Esgotada pela íngreme subida, esvaiu-se de sua forma no cume do saliente abdômen do sedentário intelectual. E, ao fazê-lo, devolveu a consciência e um leve sorriso ao seu atencioso observador.

Enquanto tentava calcular despretensiosamente a velocidade e

a temperatura da falecida gota, Auguste foi traído por seus olhos. Um pequeno movimento, quase imperceptível, seduziu sua atenção. A dança das luzes e sombras que pintavam o lento pulsar de seu ventre ainda úmido roubou-lhe os horizontes do pensamento.

Sua imprecisa respiração brincava infantil com ritmos e tempos. Desregrada, feliz e jocosa, parecia acariciar-lhe as entranhas. De súbito, quase emitindo um som, deixou sua indignação impor-se aos músculos. E assim dominou o tempo e moldou os ritmos. Todo seu processo apresentava agora, ao menos em aparência, uma cadência equânime, mesmo que para isso devesse dedicar toda sua atenção. Concentrado, chegou a pensar que havia colocado rédeas em suas vísceras e, com movimentos curtos e precisos, regia seu ininterrupto 'ir e vir'.

Voltou-se de flanco para o espelho buscando fugir das sombras que até então ocultavam um dos hemisférios de seu ventre. A luz lhe trouxe a totalidade. Ou ao menos a ilusão de que neste novo instante a realidade de seus movimentos estava domada, uma vez que desvelada por uma violenta e inquisitiva iluminação.

Enfeitiçado por seus pensamentos e pelos segredos sugeridos por seus olhos, mergulha no

abismo de si, entregando-se ao mundo polissêmico das metáforas. A luz como reveladora de mundos, constatadora de verdades, desveladora dos fatos objetivos da realidade. A luz como princípio e base da construção do conhecimento humano.

O calor que tocava sua barriga trouxe consigo o prazer de um leve sorriso, desconcentrando-o de seus devaneios e de sua disciplinada respiração. Em um assustado soluço retomou a consciência. Assim como um afogado, emergiu em um abrupto espasmo das viscosas metáforas que envolviam até então seu corpo e suas idéias.

O hiato quase material que separava sua nua realidade de seus impalpáveis pensamentos deixou-lhe confuso. Branco, nu e iluminado, percebeu-se vivo. O calor dos humores e hormônios que se arrastavam pesados sob sua pele revelou a vida que o atravessava naquele exato instante. Avidamente, passou com os olhos pelo desprezo e passividade que preenchiam a imagem postada à sua frente. Observou-a de forma profunda e incisiva, buscando comprovações visíveis de suas sensações. Necessitava organicamente da constatação de seus olhos, pois somente assim poderia permitir-se a credibilidade naquilo que sentira. Da muda e invisível teia que percorria o subterrâneo de seu cor-

po nada lhe chegava às certezas, somente o questionável e incessante pulsar de sua existência.

Incrédulo, escalou sua própria angústia. Quanto mais alto subia, mais o ar lhe faltava. Seu percurso se multiplicava em cada passo, fazendo com que ficasse mais denso e distante o ápice deste seu sentimento-lugar. Esquadrinhou milimetricamente a imagem de sua pele refletida no espelho, em uma busca vã por qualquer indício de vida. Mesmo seu profundo e perfurante olhar se mostrou incompetente para descobrir os segredos escondidos pela sua cobertura de carne.

O ar rarefeito que o cercava neste instante custava-lhe a invadir as narinas. Como uma víbora, sinuoso e quente, esgueirava-se por entre os pêlos de seu bigode malfeito, levando consigo inquietações e futuros. Tudo aquilo que lhe invadia os olhos trazia pequenas e imperceptíveis contrações às suas narinas. Trêmulas de desespero tentavam agarrar-se ao ar que lhes escapava, como uma intumescida amante à beira do abismo do orgasmo ao pressentir a eminente ausência de seu parceiro, já embriagado de satisfação. E assim, em um abraço desesperado, seu par de pequenos orifícios sangrava as costas do tempo com unhas afiadas de desejo e gozo.

Teimoso, o ar recusava-se a adentrar o corpo, satisfazendo-se tão somente com o simples existir em torno do mesmo. Mas um existir provocante e vivo. Quente como um inferno e invasivo como espinhos, o ar lhe incomodava os poros. O corpo açoitado por esta inerte pulsação respondia choroso, languidamente escorria-se em lágrimas de suor. As duas águas, internas e externas, se misturavam em uma louca alquimia na superfície de Auguste, transmutando-se em vapor e dúvidas.

Os limites de sua pobre razão pareciam zombar de sua crescente angústia, enquanto seus olhos continuavam em silêncio. Trôpegos como sedados funâmbulos, buscavam desesperados os anteparos da objetividade e do visível. O calor lhe penetrava os pulmões pelas costas, desrespeitando a anatomia óbvia e adequada de suas vias nasais. E assim partia contaminando os seus outros órgãos, espalhando-se por todo seu interior.

Uma incompreensão escura lhe subia pelos pés, agarrando-se no relevo de suas veias e na extensão de seus pêlos. E a medida em que avançava em direção ao peito deixava atrás de si um rastro gelado e transparente de vazio e caos. Aos poucos o desespero começou a tomar forma, criando arestas e pontas sob os pés do já perturbado observador.

Os movimentos lhe atravessavam como imperativos. Um doentio condutor guiava as mãos de Auguste Comte em um áspero diálogo com sua própria pele. Alisava-se e arranhava-se com força e lentidão como que desejando despir-se da invisibilidade que o cegava, ou talvez da dolorida aceitação da incompetência de seus olhos. Mas o fazia com um fulgor tão repetitivo e desvairado que parte de seu corpo submergiu sob um emaranhado de linhas de sangue. Suas unhas esculpam sua ansiedade em alto relevo em sua própria pele.

A toalha amarela, agora sufocada em sua mão direita, recebeu a primeira gota vermelha que começara a escorrer de seu membro. Poucos centímetros acima dela jazia a pele ferida, rota e invadida por intrometidas e perfurantes unhas. Ainda com os dedos inertes, tensos e vermelhos, Auguste lembrou-se do ritmo de sua respiração e, gradativamente, começou a impor-se ao seu organismo. Em um lento e regrado respirar tentou buscar o equilíbrio e a calma.

Eis então que tudo se calou. Não havia movimentos, gestos, nem sons naquele quarto. Até o sangue, com sua queda aguda, parara de escorrer para não atrapalhar os pensamentos do desnordeado intelectual. A incapacidade de compreender o próprio corpo lhe ensurde-

cia as idéias. As sensações invisíveis lhe instauravam absurdos paradoxos. Como algo real poderia não ser visto ou mensurado?

Apenas quando o sangue voltou a movimentar-se como um animal pesado e barulhento é que ele pôde percebê-lo. E neste exato instante permitiu-se um sorriso, afinal algo de seu invisível interior havido aflorado. Quiçá até mesmo uma viscosa e vermelha resposta para suas angústias.

Seria o sangue aquele que, em silêncio velado, eriçava-lhe o coração? Seria ele próprio a própria sensação, maiúscula e amarela? Ou simples condutor, uma carruagem por onde viajavam desenfreadas as sensações? A única e objetiva verdade que lhe afagava as certezas era a matéria viva que brotava e escorria em seu braço. E justamente a materialidade do fato se lhe apresentava como princípio inquestionável e único da existência das sensações. Haveria algo mais que a objetiva matéria? O esgar-tejado corpo que então aflorava de dentro do espelho vinha grávido de suposições e respostas.

Como em um jogo infantil, o ferido pensador começou a movimentar-se diante do espelho. Tentava buscar assim algo próximo a uma compreensão das dinâmicas e lógicas de sua motricidade. Centrou-se isoladamente em cada

uma de suas articulações e, através de um fluxo contínuo e repetitivo dos movimentos, observou o latejar de verdes veias e o deslizar de flácidos músculos sucumbidos abaixo de sua tez branca.

Em um fugaz instante de revelação conseguiu vislumbrar os ossos e tendões que compunham suas mãos. A imagem lhe veio como um rascunho embolorado, delineada por traços imprecisos e transparentes sobre um opaco e amarelado papel. E exatamente da mesma forma que veio, se foi, com a força e a velocidade de um soco, atordoando-lhe as idéias. A flutuante impressão dos resquícios de um sonho foi tudo o que lhe restou, impossibilitando assim qualquer intenção de registro.

Ainda assustado com suas imagens, mergulhado no cessar de sua respiração, deteve-se em seu corpo inerte. Mesmo com seus músculos imóveis e atados por seu desejo, pôde perceber que ainda assim algo pesado e vivo percorria seu interior. Algo soava gigante em seu peito, como se arrastasse densas correntes, de um lado a outro, de cima a baixo de seu ser.

Ao observar-se despido de roupas e certezas, transpassado por feridas na pele e em suas teorias, Auguste permaneceu estático, sustentado apenas por insistentes e desenfreados devaneios racionais. Como se fora suspenso pelo umbi-

go, foi atravessado pela fria sensação de que o tempo fragmentara-se. E assim, espatifado em cacos, emprestou suas formas às idéias e aos olhos do pobre pensador, redesenhando sua percepção. Em um esforço desumano, começou a debater-se internamente em busca da formulação de hipóteses plausíveis que poderiam explicar tudo aquilo que estava vivendo naqueles eternos instantes.

O emaranhado de fios e pêlos que se espalhavam no alto de seu crânio, dançava com o vento úmido, fazendo tremular os pensamentos que a eles se agarravam quase que fisicamente por curto e frágeis filamentos. Como um naufrago desesperado, procurava apoiar-se na precisão de seu pensar. Mas somente no momento em que logrou equilibrar-se sobre sua racionalidade é que pôde finalmente permitir-se a respiração. Uma entorpecente calma acompanhou o primeiro suspiro que ganhou seu corpo, trazendo-o de volta à materialidade de sua existência.

Com muitos dedos, tentou novamente perder-se em si, mas agora de forma um pouco mais metódica e fria. Foi então que, em grandes traços, começou a desenhar mentalmente as novas imagens que lhe invadiam. O irrequieto fogo que se arrastava no interior daquele flácido e inerte corpo trazia-lhe inúmeras metáforas e analogias.

O fluxo contínuo e invisível do calor que flutuava dentro de si entrou em uma enigmática harmonia com a regrada respiração que agora o ligava ao mundo. Frágil e, ao mesmo tempo, robusto, viu seu organismo como epicentro de um incessante processo de transmutação. O ar frio e cortante que lhe adentrava, alimentava de alguma forma sua pulsante existência. Alguma complexa combustão resultava do encontro do ar com suas vísceras, pois algo quente e quase líquido se esvaía de suas narinas em golfadas intermitentes. Foi então que se percebeu homem. Foi então que se percebeu máquina.

Uma viril certeza se aposou de seu sorriso. Ao nomear-se em alto e bom som, sentiu que havia dominado seu corpo. Nome e domínio cavalgaram juntos. Enfim lograra desvelar o organismo humano. Em seus próprios olhos pôde ver que, assim como todo o universo, ele também se deitava sobre a regularidade, precisão e lógica de um relógio.

Esquartejado, alvejado, reduzido e dominado, o corpo jazia cambaleante, porém vivo, nas novas certezas do inflado pensador. Um corpo limitado à sua matéria, perfurado por tubos, sustentado por vigas e andaimes, atravessado pela lógica e por líquidos utilitários, prestativos choferes de enzimas,

nutrientes e sensações. Um mosaico de fragmentos que inexplicavelmente consegue vencer as forças da gravidade e se equilibra diante de um novo humano. Um mosaico acromático e disforme que a partir daquele instante se ofereceria como novo paradigma para uma emergente sociedade.

Triunfante, no alto de seu horizontal olhar, Auguste Comte contemplava sua iluminação quando, de súbito, foi perpassado por um gelado calafrio. Foi então que seus eriçados pêlos perceberam que a noite já havia chegado. E mesmo sem pedir permissão, adentrara o quarto trazendo algo de frio e escuro ao lambar suas paredes.

Valendo-se de suas mãos, o brilhante pensador rasgou a escuridão que o separava do positivo espelho. Agora já bem próximo, fitou-se nos próprios olhos, mesmo vendo-os separados pela embaçadora umidade de sua respiração e pela fraqueza da luz que se esgotava teimosa, escorrendo pelos telhados. E foi no fundo de suas retinas que pôde ver o futuro.

Já com o candelabro aceso em suas mãos, deslizou sobre a nudez de seus pés em direção ao escritório. A noite seria longa e os registros, muitos. Infindáveis escritos ainda iriam anteceder o amanhecer. O amanhecer de uma nova humanidade.

Referências

- COMTE, Auguste. Discurso sobre o espírito positivo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CUPANI, Alberto. A crítica do positivismo e o futuro da filosofia. Florianópolis: Editora da UFSC, 1985.
- LISPECTOR, Clarice. Água Viva. São Paulo: Editora Artenova S.A., 1973.
- LISPECTOR, Clarice. Perto do coração selvagem. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- TRIVINOS, Augusto. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Contato: Avenida Campeche, 2879.
Bairro Campeche. - Florianópolis (SC)
CEP 88063-301
E-mail: edenpereti@pop.com.br
Fone: (48) 237-4439

Recebido em: março/2004
Aprovado em: abril/2004